

PESQUISA E IDENTIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

Ricardo Jorge de Sousa CAVALCANTI¹

Instituto Federal de Alagoas – IFAL

Nos dias hodiernos, vivemos em meio a um turbilhão de mudanças, de conceitos reformulados, de “novos” paradigmas cobrados; e por que não dizer que estamos em meio à necessidade de firmamento de uma identidade? O século XX – a chamada Modernidade Tardia, a partir da segunda metade desse século (HALL, 2003) – traz para o sujeito a necessidade de encarar desafios os mais diversos. *O Cogito ergo sum* de Descartes, considerado o pai do Iluminismo Moderno, traz um deslocamento do Teocentrismo – Deus como centro de todas as coisas – a um sujeito que, em tese, seria o responsável pelos acontecimentos e pelas mudanças à sua volta – só que numa perspectiva individualista –; com efeito, assumindo assim a sua subjetividade.

Acredito, como assevera o próprio Hall (op.cit.), que assumir-se com uma única identidade é uma fantasia, já que, a partir das relações sociais, somos sujeitos de variadas *identidades*. Assim, a partir do Iluminismo, é inaugurada uma fecunda fase para se perceber o sujeito como o corresponsável por suas ações e, nesse sentido, buscando constantemente romper e reformular conceitos e paradigmas cristalizados. Só que o *sujeito individualista* nasce com o Iluminismo, mas dá lugar a um *sujeito sociológico* a partir da consideração de que o externo interfere diretamente no interno, e não vice-versa, como se propagava no surgimento daquele *subjetivismo*.

Com efeito, as ideias de Marx a Althusser sobre a luta de classes em meio ao capital imperativo dos sistemas econômicos; de Freud a Lacan no que diz respeito aos processos psíquicos inconscientes; de Saussure à Virada Linguística no que tange ao estudo da língua como sistema à consideração desse sistema com vistas à *interação social*; dentre outros, que com o florescimento do conceito sociológico do ser, buscaram eclodir no meio acadêmico-científico novas concepções de se fazer pesquisa e de se assumir como pesquisador no contexto da contemporaneidade – Modernidade ou Pós-Modernidade, afinal?

¹ Professor e pesquisador do Instituto Federal de Alagoas (IFAL), Campus Maceió – Coordenação de Linguagens e Códigos (COLIC). Doutor em Linguística pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). E-mail: richardcavalcanti@hotmail.com

A querela que se estabelece entre os termos *Modernidade e Pós-Modernidade*, na atualidade, se dá com o propósito de se estabelecer novas visões para se conceber a pesquisa acadêmica, principalmente nas humanidades. O Positivismo, oriundo das ciências exatas e das ciências da natureza, mesmo diante (ou por conta?) da chamada *Era Tecnológica*, continua imperando em meio às pesquisas na academia. Não estou descartando nesta breve discussão o caráter cartesiano que as pesquisas devem ter como desafio, no sentido de ordenação, disposição de dados, discussão etc; só que a “frieza” que muitas discutem os seus achados fogem ao que tanto se propaga recorrentemente na esfera acadêmico-científica, que é a *aplicabilidade* da investigação. Entendo essa aplicabilidade sempre vinculada a um auditório, quer no sentido restrito ou amplo, isso é, sempre tendo o social como alvo (BAKHTIN, 1981).

Com base no cenário da Virada Linguística, em meio aos estudos pragmáticos de língua(gem), em meados da década de 60 do século XX na Europa, é apresentada uma área de pesquisa que toma o texto como unidade de sentido, passível de estudos de âmbito linguístico-gramatical e discursivo² – a Linguística Textual (doravante LT). Cabe a mim esclarecer, como pesquisador dessa área, que a palavra texto, termo milenar utilizado desde a Antiguidade, deve ser concebida com base nos seus múltiplos olhares, tendo em vista as várias concepções que dispomos desse artefato linguístico-discursivo entre os pesquisadores da própria LT. Refiro-me às múltiplas formas de se ter uma clareza relativa sobre essa concepção de texto, considerando que somos sujeitos de identidades refratadas e, por isso, os empreendimentos de conceitos se tornam efêmeros, ou perenes, em alguma medida. Será que isso é fruto de uma era em que as pessoas, como tentativa de se assumirem Pós-Modernas, negam a *Modernidade*? Não obstante a obviedade que se estabelece no empreendimento de se responder a esse questionamento, possivelmente pelo imediatismo em voga, a resposta é mais complexa do que se imagina e demanda um trânsito entre várias concepções de pesquisa e de identidade na contemporaneidade.

Na interface desta reflexão com os estudos de viés textual, enfrentamos desafios constantes para comprovação de que o objeto de estudo intencionado – o texto – requer uma metodologia de pesquisa que vise à interpretação dos dados, aceitável na comunidade acadêmico-científica; isso desde o deslocamento do textual ao discursivo. Infirmo que tal desafio se dê em razão de alguns pesquisadores, mesmo os das ciências da linguagem, não conceberem

²Afino-me aqui à concepção bakhtiniana de que inexistente texto sem discurso; e vice-versa (cf.CAVALCANTI, 2010).

que a unidade textual é passível de investigação, de estudo. Tal desmerecimento desses seguidores formalistas pode se dar por conta do percurso que a LT fez, desde a Gramática de Texto (herança do Gerativismo) à nova metodologia de análise textual, ou seja, do sistema (formalismo) ao uso (funcionalismo). Isso pode ser compreendido por conta de que, no Brasil, essas discussões afloraram apenas na década de 80, do século passado, com Marcuschi (1983) e, com maior presença nos dias de hoje, a partir da publicação dos PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais – na década de 90 desse mesmo século (PCN, 1997).

Assim, diante desse sucinto percurso histórico para situar que estamos imersos na contemporaneidade, corroboramos também com Bauman (2001) ao tratar, numa analogia às ciências da natureza (caráter positivista), sobre a necessidade da *liquefação da solidez*. Isso no âmbito das ciências da linguagem, como é o meu caso, requer uma consideração multifacetada entre a forma e o sentido. Certamente, os estudos saussurianos trouxeram à Linguística Moderna uma ordenação, uma assepsia, quanto ao objeto de estudo – a *langue*; no entanto, por conta da própria liquefação das ciências da linguagem, os estudos linguísticos atualmente, com a finalidade de adequação à Pós-Modernidade tão difundida e cobrada em nosso dia a dia, se prestam a perceber essa língua em uso com vistas ao seu dinamismo e à sua fluidez. Nesse sentido, o que podemos perceber no *hic et nunc* é que ao tempo em que a celeridade no empreendimento de novas discussões, de novas concepções fica evidente, ela acende também a chama da cautela, da descrição minuciosa, da argumentação teórica e de todos os dispositivos de convencimento necessários à asseveração de um dado objeto de estudo, consolidado a uma perenidade relativa – o que faz parte do universo acadêmico.

Por fim, cabe reiterar aquilo que fora discutido neste texto sobre a constituição da subjetividade na consideração das várias identidades que são construídas a partir das interações sociais diante das interferências da exterioridade na interioridade. Podemos assim dizer que, mesmo localizados no “olho do furacão”, necessitamos, como pesquisadores, estar inseridos em uma área do conhecimento para “demarcarmos” espaço; apesar da desterritorialização que tanto se propaga no discurso Pós-Moderno. Por isso, considero-me, no âmbito acadêmico, como um ser cartesiano; logo, ser imbuído na tentativa de conhecer as várias discussões em voga, mas, sobretudo, de territorializar o “meu” objeto de estudo. Nesse viés, a identidade de pesquisador é firmada com a abertura ao conhecimento dos mais diversos âmbitos. De forma metafórica, digo-lhe que é preciso sair de si para conhecer-se, isso é o que se pode encarar como *pós-modernidade* na contemporaneidade.

Referências

ANTUNES, Irandé. *Análise de textos: fundamentos e práticas*. São Paulo: Parábola, 2010.

BAKHTIN, Mikhail (V.N. Volochínov). *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: HUCITEC, 1981.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BRASIL. *Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CAVALCANTI, Ricardo Jorge de Sousa. *O ensino da argumentação: uma experiência didática com o artigo de opinião no curso de Letras*. Maceió, Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas, 2010.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 8.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros Textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. (Orgs.) *Gêneros Textuais & Ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p.19-36.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Linguística de Texto – o que é e como se faz*. Recife: Série Debates v.1, UFPE, 1983.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. Trad. Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.